



## **XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã**

**Tema central:**

**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias  
19 a 21 de outubro de 2022**

**Iniciativa e Realização**

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,  
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual de Londrina – **UEL**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – **PPGCom UEL**

---

---

### **O Centauro e a protoimprensa gay brasileira: extensão das sociabilidades na década de 1960<sup>1</sup>**

**Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior**

Universidade Estadual Paulista – Unesp/Bauru,

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação

**Resumo:** Este trabalho busca apresentar e discutir o conceito da protoimprensa gay brasileira, iniciada pelos grupos de sociabilização de gays, a partir do início da década de 1960. Para isso realizamos pesquisa documental e análise discursiva por meio dos estereótipos de uma edição do periódico O Centauro, de setembro de 1968, produzido de maneira artesanal, assim como pesquisa bibliográfica e identificação dos possíveis formatos jornalísticos presentes na publicação. Este é o primeiro trabalho de uma série de análises relacionadas à imprensa artesanal gay editada no final da década de 1960 e início de 1970, produzida pelos grupos de sociabilidade conhecidos como turmas. Nesta etapa, foi possível compreender que os estereótipos servem como ferramentas para a diferenciação ou reconhecimento de pessoas integradas ou de fora d'O Centauro, assim como as colunas de mexericos como os formatos utilizados para a comunicação, dando evidências da existência de uma protoimprensa gay.

**Palavras-chave:** Comunicação; Jornalismo; Imprensa Gay; Homossexualidade; Protoimprensa gay

#### **1. Introdução**

Este trabalho busca analisar como um dos primeiros periódicos dedicados à temática gay trazia ao público suas sociabilidades, assim como discutia temáticas importantes e essenciais para os homossexuais de sua época. Para essa primeira discussão foi selecionado o periódico O Centauro, de setembro de 1968, disponível para consulta no Arquivo Edgard Leuenroth, localizado na Universidade de Campinas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT5- Comunicação e lutas por cidadania na disputa de hegemonias, da XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022, de 19 a 21 de outubro de 2022 – realizada pela ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã, Universidade Estadual Paulista (UEL) e Programa e Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM-UEL.

Trata-se de uma série de análises discursivas com base nos estereótipos apresentados nos veículos que compartilham certo período de existência e circulação, já que se localizam entre os anos de 1960 e 1970. Foram localizadas preservadas ao menos uma edição de cada veículo que irão compor nosso *corpus* de análise, a saber: O Centauro, O Grupo, O Vic, Le Femme (todos de 1968), La Saison (1969) e Little Darling (1970). Este trabalho, específico sobre O Centauro, está dividido em duas partes, a primeira na qual é realizada a apresentação do veículo, assim como suas características materiais e de conteúdo e a segunda na qual apontamos os estereótipos identificados, explicitamos o método utilizado e analisamos os resultados encontrados.

Longe de pretender encerrar a temática, este artigo vem com objetivo principal de abrir possíveis discussões sobre esses discursos, suas aproximações e distanciamentos daquilo que compreendemos como jornalismo e imprensa, assim como apresentar que eles, mesmo não estando estritamente relacionados do processo e da acurácia jornalística (CHAPARRO, 2008), tinham como proposta informar os integrantes de seus respectivos grupos, justificando a nossa ideia de protoimprensa gay brasileira.

## **2. A publicação**

A falta de exemplares preservados torna a descrição dessas publicações um desafio, sendo difícil compreender a continuidade ou descontinuidade dos assuntos, já que possuímos uma edição de cada periódico, portanto, nossa descrição se dará com base nas edições colhidas que farão parte de nossa análise, além de referências bibliográficas que abordam esse período histórico, que também se mostram raras.

Vale em primeiro momento destacarmos a razão de considerarmos esses periódicos artesanais como uma protoimprensa. Em primeiro lugar damos destaque, como já referida, a questão da acurácia e do processo jornalístico para a produção dos conteúdos, pelo que se tem visto na literatura vigente (GREEN, 2019; FRY, 1982; FRY, MACRAE, 1983; MACRAE, 2018; FACCHINI, 2005) não se trata de material apurado jornalisticamente, nem delimitado dentro dos padrões do jornalismo tradicional, muitas vezes sendo colocados como simples espaços para fofocas; em segundo lugar a distribuição realizada, esses periódicos, também ao que consta na literatura vigente e na própria observação dos materiais, eles eram distribuídos entre os integrantes dos próprios grupos, ou entre os demais grupos que compunham a “vida intendida”, tendo uma circulação limitada aos próprios membros, sem, a priori, terem a intenção ou capacidade de circulação na livre esfera pública; em terceiro lugar, a periodicidade, por mais que o tempo não tenha favorecido a preservação das

publicações, é notável que existia uma certa inconstância com relação a continuidade das publicidades, seja possivelmente pela capacidade técnica de reprodução, ou sua viabilidade econômica.<sup>2</sup>

Esses três aspectos fazem com que apontemos para este lugar de uma protoimprensa, longe de estigmatizá-los como veículos irrelevantes, mas buscando uma caracterização dentro do escopo das Ciências da Comunicação. É notório que os primórdios da imprensa lusófona, ainda Portugal, tiveram como modelos de divulgação as *folhas volantes*. No século XVI, com a popularização da imprensa foram produzidos diversos tipos de periódicos informativos, que de acordo com SOUSA, 2014 eram de dois tipos e tinham como base a tradição noticiosa ainda da Grécia e Roma antigas:

Havia folhas volantes de dois tipos. Um primeiro tipo, mais “sério”, configurouse como antepassado do jornalismo econômico, já que abordava essencialmente informação comercial e por vezes quase publicitária (por exemplo, informações bancárias, criação de fundos para seguros entre armadores, enumeração dos navios que chegavam a um porto e da carga que transportavam ou informação sobre a aceitação de mercadorias para transporte marítimo...). As folhas volantes do segundo tipo falavam dos mesmos assuntos que as relações de notícias (reis, rainhas e outras celebridades; assassínios e assassinos; catástrofes; batalhas; trocas comerciais; milagres, feitiçaria, bizarras da natureza e outros assuntos insólitos, etc.), mas nem sempre com um propósito predominantemente informativo. Nas folhas volantes, acontecia, frequentemente, que a informação servia de pretexto à pregação moralista, ao regozijo ou ao queixume, às vezes sob a forma de poesia e de canções. De qualquer maneira, pode afirmar-se que a imprensa nascente tinha um cariz essencialmente informativo, embora por vezes enquadrasse os factos pelo prisma da moral cristã. Os jornais do século XVII mostram, afinal, que, ao contrário do que por vezes se lê, a imprensa noticiosa não é uma invenção norte-americana do século XIX, mas sim uma invenção europeia dos séculos XVI e XVII, que recupera uma tradição noticiosa (nunca perdida) iniciada com as Efemérides gregas e as Actas Diurnas romanas (SOUSA, 2014, p.)

Veremos mais adiante, inclusive, a relação entre o segundo modelo de folha volante com nossas colunas sociais e consecutivamente aquilo que vemos nos periódicos da protoimprensa gay brasileira. Ressaltarmos, inclusive, que as discussões sobre a sociabilidade e o convívio desses homossexuais nos é visto como ponto de reflexão da própria construção da identidade e que resultará, posteriormente, em uma maior articulação política e formalização dos movimentos políticos no país, portanto, expressamos a ideia de uma protoimprensa, estritamente dentro daquilo que compreendemos como imprensa.

Importante também ressaltar que o caráter artesanal das publicações não nos implica a uma invalidação de sua composição como sendo amadora, apoiamos a ideia de que essas reproduções eram realizadas dentro das possibilidades da época, sendo inclusive, inovadoras e amplificadoras das sociabilidades naquele momento vividas. Vale ressaltar que a própria constituição de um veícu-

---

<sup>2</sup> Sobre esta afirmação temos como base, principalmente, a vasta quantidade de periódicos da época. Em nosso levantamento para a tese em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, Unesp-Bauru, foram identificados 38 periódicos entre os anos de 1960 e 1970, sendo eles componentes desta imprensa artesanal. O que nos chama atenção é a constante mudança de nomes de periódicos elaborados pelas mesmas pessoas, como é o caso daqueles produzidos por Di Paula, no estado da Bahia.

lo, por mais efêmero e artesanal que fosse, já demonstravam um passo à mobilização e necessidade de comunicação para além do contato presencial e da comunicação face a face.

## 2.1 O Centauro

A edição que encontramos d'O Centauro data de setembro de 1968, em sua capa, é intitulado como sendo o nono número do primeiro ano da publicação, logo, podemos afirmar que as atividades do periódico foram iniciadas no corrente ano deste exemplar. Além de trazer a imagem de uma pessoa com caracteres e trejeitos ligados ao feminino e ao nome de Ana Carina Berg, contendo, por fim, o símbolo da figura mitológica que dá nome ao periódico acima de uma insígnia em formato de V (Figura 1).

O material em questão possui 21 páginas, contando com sua capa, é mimeografado em folha sulfite A4 e possui diversas ilustrações, que em sua maioria aludem a figura feminina, das 25 imagens, ao menos 22 são femininas. Na segunda página são apresentadas: Anita Chambarely (presidente e coordenadora), Julie Andrews (Vice-presidente), Thelma Hermti's (Secretária) e as colunistas Anita Julie Thelmu, Jéssica Boren, Jeane Moreau Moron e "O Fantasma". É importante destacar que apesar dos nomes femininos, é notório (GREEN, 2019; COLAÇO, 2022) que os conteúdos produzidos nesta e nas demais publicações tinham como agentes homens homossexuais.

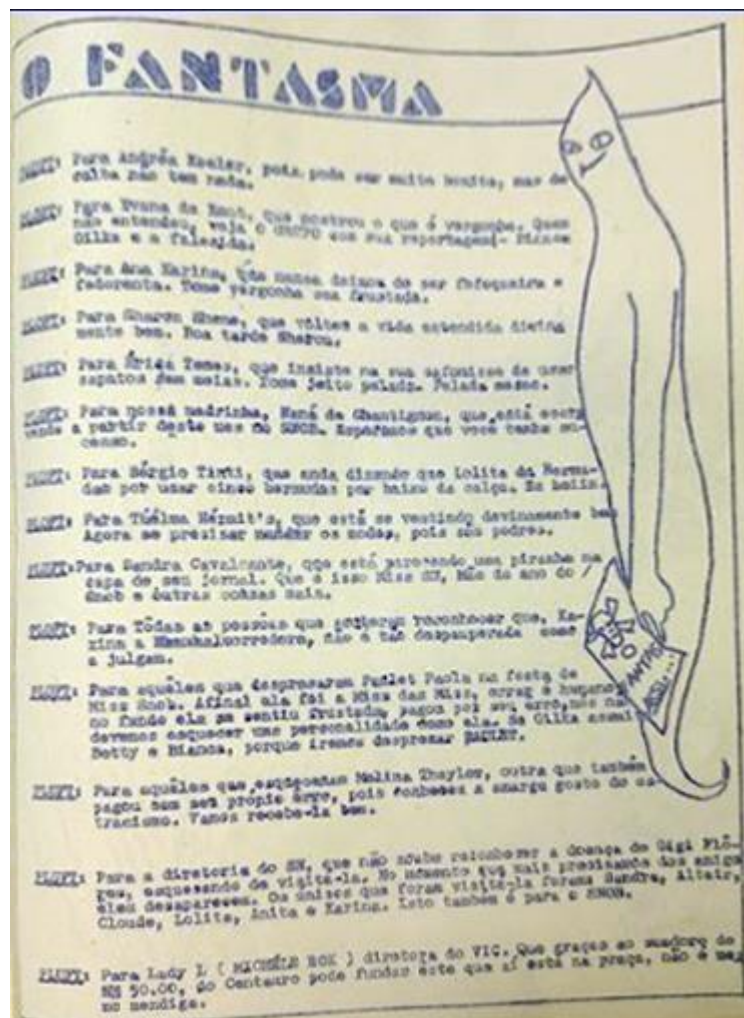
**Figura 1: Capa do periódico O Centauro**



Fonte: Reprodução Arquivo Edgard Leuenroth

Internamente temos os títulos ou chamadas: *Destaque Mensal*, que traz uma ilustração feminina de André Keeler Voile, intitulada “Miss Snob 68”; Participação Especial: *Lady Gilka Dantas*, que traz uma carta assinada pela responsável pelo periódico Snob; *Participação Especial: Ana Karina Berg*, com uma carta-crítica endereçada a Bety Thaylor; *Fofocas em Foco*, assinada por Anita Chambareilly e com diversas informações sobre a sociabilidade homossexual; *Noturno*, assinado por Julie Andrews, que traz uma miscelânea de contos e notícias; *Seleções Diversas*, entrevista realizada com Chistine Saint-Laurient Casparelly e assinada por Thelma Héruit’s e coluna sobre horóscopo; *Passarela de le Femme*, assinada por Jéssica Børen e aborda questões teatrais; *XY – 24 – KW – 69*, assinada por Jeane Moreau que aborda questões relacionadas a obra de Oscar Wilde; e por fim a seção *Fantasma* (Figura 2) que traz diversas mensagens anônimas endereçadas a outras personalidades da época.

Figura 2: A coluna “O Fantasma” d’O Centauro



Fonte: Reprodução Arquivo Edgard Leuenroth

Deste conteúdo, é importante ressaltar, que duas páginas, por conta da ação do tempo, têm a legibilidade prejudicada. As referidas páginas dizem respeito a parte da entrevista na seção Seleções Diversas, assim como o início das dicas de horóscopo.

É possível verificar por meio do processo de leitura flutuante (BARDIN, 2016) que esses conteúdos se aproximam do tradicional formato jornalístico das colunas, em especial, as colunas sociais ou de mexericos (MARQUES DE MELO, 2003; MARQUES DE MELO, ASSIS, 2016).

Cada uma das colunas traz suas características particulares, aquela que possui maior semelhança com outro formato, a coluna escrita por Thelma Hérmits, que por meio do esquema de perguntas e respostas, esquema de ping pong, busca construir uma conversa estruturada com sua entrevistada, configurando-a como uma entrevista.

Vale reforçar que as colunas são parte da prática jornalística desde a década de 1920, nos Estados Unidos (DORNELLES, 2017, p. 129) e que traziam informações diversas sobre a vida da burguesia. Beatriz Dornelles, estuda como esse formato se fez presente no interior do Rio Grande do Sul, trazendo um retrospecto das colunas sociais na história da imprensa brasileira e afirma que:

Quando foram criadas, as colunas sociais, diferentemente das atuais, eram vistas como o lado informal do jornal, voltadas para o público feminino. Uma espécie de “descanso” concedido ao leitor das notícias sobre crimes, violência e mortes do chamado yellow journalism (no Brasil, imprensa marrom ou sensacionalista). Devido a essa característica, muitas delas se voltaram ao humor na formatação do texto. As notícias abordando os integrantes da burguesia eram levadas ao leitor algumas vezes de forma irônica, ressaltando o lado extravagante dos ricos e aos poucos dando maior importância às fofocas, ainda sem atingir seriamente a reputação dos personagens retratados (DORNELLES, 2017, p. 133)

Em nosso *corpus* verificamos que existe uma adaptação deste formato, que ao invés de abordar a vida das elites locais ou nacionais, se volta a interação e sociabilidade dos próprios integrantes do grupo homossexual. Os participantes são tratados por seus “nomes de guerra”, e a reputação dessas personagens é atacada diretamente. São utilizados diversos artifícios para se realizar a comunicação, desde a ironia, até os xingamentos explícitos a outros participantes, principalmente aqueles ligados a outros grupos e que se indispunham de alguma maneira com os integrantes d’O Centauro.

Apesar de haver uma literatura que desqualifica essas publicações como sendo apenas boletins de fofocas, acreditamos ser importante validá-los como veículos de comunicação dentro de uma imprensa que começava a se formar, já que, como afirmamos, é nítido que esses veículos buscam mimetizar o formato jornalístico, assim como realizam discussões para além desse aspecto formador e identificador de relações que é a fofoca. Sobre esse tema é importante destacarmos a contri-

buição de Bianca Breerma e Gerben A. Van Kleef, ambos da Universidade de Amsterdã e que por meio de seu estudo *Why People Gossip: An Empirical Analysis of Social Motives, Antecedents, and Consequences* (2012), conseguem abordar as questões sociais que envolvem a fofoca e sua importância na preservação e proteção de grupos sociais frente a outros.

Portanto, além de ser um elemento agregador, socialmente falando, temos sua presença na imprensa por meio de um formato validado dentro de espaços tradicionais do conhecimento das Ciências da Comunicação, não podendo, de acordo com nossa perspectiva, serem considerados veículos sem importância para a historiografia da imprensa gay brasileira e latino-americana.

### 3. Os estereótipos encontrados e o método de análise

Para identificar nossos estereótipos foi realizada a leitura integral do material selecionado, esta leitura nos serviu para a identificação e localização dos estereótipos utilizados nas enunciações discursivas. Este método é o mesmo realizado na tese em desenvolvimento deste autor<sup>3</sup> e funciona como um resgate das significações culturais e comunicativas por meio dos elementos apresentados no discurso.

O estereótipo, apesar de apresentar características elementares que podem acabar por gerar o estigma social (GOFFMAN, 2004), são essenciais para a significação e o processo de comunicação, é por meio da estereotipia que construímos uma doxa comum necessária para o entendimento básico de nossas falas, passo fundamental para o estabelecimento de uma comunicação compreensível. Trata-se dos elementos partilhados culturalmente, simplificações que tornam a significação possível e compartilhável. Essa visão é defendida especialmente pela autora Ruth Amossy (2010)<sup>4</sup>.

Portanto, vemos os estereótipos como chaves de leitura dos elementos simbólicos, culturais e coletivos expressos no discurso e que podem, por meio de análise discursiva, serem resgatados dentro de seus contextos de enunciação como pontos de partida e construção das falas.

Para este trabalho, em nosso processo metodológico, realizamos a leitura integral dos conteúdos identificando os pontos nos quais os estereótipos ligados a sociabilidade estavam expressados e quais eram seus contextos. Com isso, temos a seguinte lista de menções (Tabela 1).

---

<sup>3</sup> A tese “Imprensa Gay Latino-americana: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980”, de autoria própria, está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Estadual Paulista Unesp-Bauru, sob supervisão da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Gobbi.

<sup>4</sup> Abrangendo o contexto de ethos institucional e atrelando-o aos preceitos da Nova Retórica, Amossy aponta os estereótipos e o processo de estereotipia como fundantes da comunicação, para saber mais, ler: A imagem de si no discurso: a construção do ethos.

**Tabela 1: Estereótipos d'O Centauro, suas seções e contextos**

<b>Estereótipos</b>	<b>Seções</b>	<b>Contexto</b>
Querida	Especial Gilka Dantas; Notícias Importantes	Agradecimento a Anita Chambarely, diretora d'O Centauro; Se refere aos convidados a Li Sandra Di Castro para atuar em filme; De maneira irônica se refere a Katherine Wood.
Vida intendida (sic)	Especial Ana Karina Berg; O Fantasma	Trata sobre a introdução de Ana Karina Berg nos meios homossexuais da época e em mensagem destinada a Sharon Shene.
Deus, Criador	Especial Ana Karina Berg; Mundo em Crise – Fofocas em Foco; Em Busca da Fé.	Aparece como benevolente, justo, bondoso, criador do universo e exemplo de sabedoria.
Boneca	Realizou-se na...; Notícias Importantes; Movimento Teatral	Referência a ganhadora do Miss Snob; elogios à colunista Heppy Le Mon, do Snob; tece críticas a Anita diretora d'O Centauro.
Mocidade, Jovens	Mundo em crise – Fofocas em Foco	Apresenta em tom crítico como se não tivessem experiência o suficiente para lidar com situações complexas.
Homens de espírito; Homem de mil instrumentos; Gênio. Mestre	Mundo em crise – Fofocas em Foco; Realizou-se...; XY-24-KW-69.	Artistas, escritores e cientistas são colocados como almas de eleição, citados nominalmente: Pedro Bloch e Oscar Wilde.
Dispeitada (sic), bichas podres, podre, fofoqueira, bruxa, cobra, semi-analfabeta (sic), despauperada, cafona, cafonisse, pelada, escrota, frustrada, mendiga, suja, Incapassitada (sic)	Realizou-se na...; Le Femme; O Fantasma; Especial Ana Karina Berg	Se referem a xingamentos direcionados à integrantes de outras turmas, ou a calúnias das quais as colunistas dizem ter sido vítimas por integrantes de outras turmas.
Clã, pessoa de gabarito muito elevado, personalidade, nossa gente, caras centaurinas, belas, madrinha, bonita, culta, senhora presidente, amiga, atualizada, elegante, novas estrelas, meninas.	Especial Gilka Dantas; Realizou-se na...; Notícias Importantes. Le Femme; XY-24-KW-69; O Fantasma.	Denominações e Elogios relacionados a própria turma do Centauro, ou a integrantes queridas de outras turmas, nomeadamente pessoas do Snob.

Fonte: Elaboração do próprio autor

É possível identificarmos uma quantidade superior de estereótipos, justamente quando os autores se referem aos grupos de sociabilidade, seja para destacar ou descredibilizar grupos concorrentes, o que pode ser visto como uma afirmação daquilo que Bianca Breerma e Gerben A. Van Kleef apontam, a proteção e preservação de grupos sociais frente a outros.

Esse comportamento demonstra que apesar de haver uma articulação interna de interação, os veículos de comunicação serviam como esferas de expressão na qual essa coesão buscava um fortalecimento dos laços sociais e do afastamento daqueles comportamentos que eram considerados inadequados.

É possível identificar uma presença constante do caráter de classe nesses estereótipos, mimetizando aquilo que as colunas sociais apresentavam como a vida da burguesia (MARQUES DE MELO, 2003; MARQUES DE MELO, ASSIS, 2016). Essa presença se faz notável tanto na escolha de xingamentos e elogios, sejam entre as colunistas, seja na apreciação da figura intelectual.



Os estereótipos usados como forma de xingamento, trazem a imagem de uma figura que não sabe se portar, ou não tem condições financeiras que se equiparam “a elite” do mundo entendido. Podemos ver isso, principalmente, nos estereótipos: bichas podres, semi-analfabeta (sic), despaupe-rada, cafona, cafonisse, pelada, escrota, frustrada, mendiga, suja, Incapassitada (sic). O oposto ocorre com os estereótipos que estão no contexto do elogio, nos quais prezam-se as características relacionadas a finesse e a vida culta, como vemos nos estereótipos: pessoa de gabarito muito elevado, personalidade, belas, bonita, culta, senhora presidente, amiga, atualizada, elegante, novas estrelas.

Esses estereótipos denunciam a falta de reflexão sobre as questões de classe e desigualdades sociais, nas quais, a equipe d’ O Centauro também estão incluídos e emulam, ou buscam exercer, uma imagem positiva e vida ligados aos estereótipos da riqueza e da vida burguesa.

Por mais que, a princípio, pareçam distantes da prática jornalística, tida como objetiva na maior parte de suas expressões, essas manifestações, principalmente pelo nítido tom classista que apresentam, se mostram conectadas com aquelas realizadas pelas colunas de mexericos dos grandes jornais, comuns à época, o que faz com que compreendamos o porquê essas publicações eram vistas e entendidas como jornais por seus produtores e leitores, ao ponto dos integrantes dessas publicações criarem a Associação Brasileira de Imprensa Gay (ABIG) (COLAÇO, 2022) antes mesmo de qualquer movimento homossexual ser organizado politicamente no país.

Trata-se de uma transposição daquilo que era reproduzido em parte dos jornais, para a realidade das sociabilidades homossexuais da época, traçando categorias, espaços de poder e refutação de figuras que se apresentassem fora daquilo que era visto como o comportamento elitizado que deveria ser exercido dentro e fora dessas bolhas de sociabilidade. E conforme destacamos, possuem aspectos relacionados a noticiabilidade cotidiana desses grupos e pessoas, por mais que em sua práxis a apuração não seja evidenciada com clareza.

Dois estereótipos, em particular, “querida” e “boneca”, encontraram espaços de atuação distintos, porém, ligados aos tratamentos dados aos integrantes do grupo ou dos grupos adversários. No segundo caso, os termos foram utilizados de maneira irônica, invertendo o tratamento de amistosidade dentro do círculo social dos produtores do periódico, se faz notar que ambos os estereótipos não apresentam, *a priori*, nenhuma característica ligada aos elementos de classe, presentes nos elogios e xingamentos anteriormente destacados.

A figura masculina, quando destacada no discurso, possui espaço prioritariamente positivo nas enunciações, em todas as citações relacionadas a homens, encontramos estereótipos que buscam destacar as qualidades masculinas, todas elas relacionadas a intelectualidade. Seja pela apresentação de um júri masculino, ou um escritor famoso e aclamado por seus trabalhos homoeróticos, como é o caso de Oscar Wilde, os elementos destacados são aqueles relacionados ao grande espírito e da capacidade de compreensão das complexidades da vida.

Outra figura que também aparece como benevolente, e que de certa maneira pode ser apreciada dentro deste espectro masculino, é o estereótipo de deus. Em todas as citações, a figura divina é colocada como masculina, além de ser referenciada como criador do universo, justo, bondoso. Deus aparece em três textos diferentes, sendo um deles totalmente dedicado a questão da fé, como um alicerce da vida cotidiana, realizando sutilmente uma crítica a religião institucionalizada.

Trata-se de um elemento importante para a compreensão da construção dessas identidades, já que a Igreja, como aponta Foucault (2006) foi responsável não apenas pela construção dos discursos sobre a sexualidade, mas sobre seu aprisionamento dentro das estruturas de discursos permitidas, estando a homossexualidade, dentro desta lógica, fora espectro aceitável da manifestação sexual.

A ideia de um estilo de vida próprio também é apresentada por meio do estereótipo da “vida intentida” presente em duas seções “Especial Ana Karina Berg” e “O Fantasma”, nas quais fazem menção a um estilo de vida própria da homosocialidade da época. É possível encontrarmos em outras expressões como “clã” e “nossa gente”, presente em outros textos, também a ideia de uma destacada da sociabilidade cotidiana, lida aqui como a heteronormativa. Mesmo aqueles estereótipos que adjetivam pejorativamente integrantes de outros grupos, parecem ceder espaço para essa compreensão de uma vida compartilhada por meio de regras e costumes que fogem ao padrão social da época. Portanto, há uma desqualificação, ou qualificação, dos integrantes e grupos, dentro de uma lógica mais ampla de convivência da qual todas e todos fazem parte.

Por fim, outros dois estereótipos que aparecem no texto “Mundo em Crise” da seção “Fofocas em Foco” dizem respeito a juventude. Os “jovens” ou a “mocidade” são apresentados como pessoas que não possuem clareza sobre suas reivindicações, assim como sua ação no mundo, contrastando com a visão que viremos mais tarde ligada a esse público e que ocorriam pelo mundo durante as décadas de 1960 e 1970, na qual a rebeldia desses seria o motor para diversas transformações e questionamentos sociais.

## **Considerações Finais**

O Centauro apresenta elementos importantes para a compreensão da protoimprensa gay brasileira. Trata-se de um material relevante para o entendimento da homosocialidade, assim como apresenta traços dos comportamentos dos homossexuais da época.

Sobre o tipo de jornalismo nele impresso, fica evidente a mimetização do formato das colunas sociais, em especial das colunas de mexericos, presentes nos grandes jornais e que tratam da vida cotidiana da burguesia local, nacional ou internacional. No caso d'O Centauro, o que vemos é uma adaptação destes valores para a lógica e vivência da “vida intentida”, aquela experienciada por

esses integrantes à margem social, que por meio de suas vivências buscavam ampliar, ou delimitar, seus laços de convivência.

Por esse motivo, acreditamos que estamos diante do fenômeno de uma protoimprensa gay, já que é nítida que pela forma de tratamento daqueles que escrevem intitulados como colunistas, assim como pelos estereótipos relacionados as questões de classe, que os textos buscam mimetizar um conteúdo presente nas grandes publicações da época. Apesar de não ficarem claras se pela prática adotada as questões de apuração e verificação dos fatos eram elementos essenciais à escrita dos conteúdos, nota-se a intenção de informar questões ligadas ao cotidiano dos integrantes dos círculos da “vida intendida”.

Também é perceptível que a fofoca é utilizada, como apontam Bianca Breerma e Gerben A. Van Kleef, como elemento de proteção e preservação dos grupos sociais frente aos demais, já que n’O Centauro é possível encontrarmos uma ferrenha defesa de seus integrantes e aliados, ao mesmo tempo em que há uma refutação àqueles que são indesejáveis, ou que manifestem atitudes que estejam fora dos padrões tidos como socialmente aceitáveis pelo grupo.

Em nossos próximos estudos buscaremos compreender como as demais publicações lidavam com essas relações, de que forma se relacionavam com integrantes de suas turmas e de outras concorrentes, a fim de compreendemos se esses comportamentos eram vistos em outros núcleos de homossexualidade, ou exclusivos d’O Centauro.

## Referências bibliográficas

AMOSSY, Ruth. Estereótipos In CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEERMA, Bianca; KLEEF, Gerben A. Van. Why People Gossip: An Empirical Analysis of Social Motives, Antecedents, and Consequences. *Journal of Applied Social Psychology*, v. 42, n. 11, p.2640-2670, 2012. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1559-1816.2012.00956.x>> Acesso em 20 set. 2022.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

COLAÇO, Rita C. Mitos, categorias e cristais: revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. **Preprints Scielo**, 2022. Disponível em: < <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/4540/8960>> Acesso em 20 set. 2022.

DORNELLES, Beatriz. Evolução da coluna social ao longo do século XX. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.6, n.2, p.126-142, jul./dez., 2017. Disponível em: < <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6657/3818>>. Acesso em: 20 set. 2022.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** - Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRY, Peter. **Para inglês ver:** identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 17 ed. São Paulo: Graal. 2006.

GREEN, James N. **Além do Carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX [1999]. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MACRAE, Edward. **A Construção da igualdade** – Política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EdUFBA, 2018.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª. ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José., ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Revista Intercom de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, p. 39-56, jan./abr., 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?format=pdf>>. Acesso em 20 set. 2022.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. Estudos de Jornalismo e Mídia, v.1, n2. 2004. p.31-46. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071/1813>> Acesso em 20 set. 2022.